

## APRENSÕES E DIÁLOGOS ENTRE GERAÇÕES NO AMBIENTE DE ESTUDO NO ENSINO Á DISTÂNCIA

Ms. Rogéria Eler – FE/UFG

Eixo: Formação e profissionalização docente

Painel

As experiências no Curso de Licenciatura em Artes Visuais modalidade EaD parceria UFG/UAB, propiciou reflexões sobre as vivências entre estudantes de diferentes gerações nas interações na plataforma de estudo e aprendizado em diálogos com teóricos e pesquisadores sobre o comportamento do indivíduo em relação as mídias contemporâneas.

O início do Século XXI tem sido apontado como inaugural da era digital, em que as representações viabilizadas pelas novas tecnologias que decorrem hegemonicamente do fenômeno da digitalização da informação. A popularização das mídias eletrônicas tem gerado um fluxo contínuo cada vez mais denso e intenso de imagens, para o qual a Rede Mundial de Computadores comparece tanto como suporte na produção dessas imagens quanto como veículo de transmissão das mesmas. A cultura digital é global, centros e periferias transitam pelas mesmas vias – múltiplas – que configuram a *internet*. Ao menos, supõe-se que seja assim...

A *internet*, rede invisível que conecta bilhões de computadores em todo o mundo, em sua dinâmica, comprime o espaço-tempo, acelerando os processos globais. A relação dos usuários conectados à Rede Mundial de Computadores pressupõe a interatividade, de modo que o usuário assume atitudes de escolhas, faz intervenções, é ativo na inserção de conteúdos e nos fluxos de informações disponíveis.

Flusser (2006) aponta que é provável que estejamos testemunhando a formação de uma geração cujos modos de aprender, de conhecer e configurar informações sobre o mundo decorram, principalmente, do que temos conhecido como *era digital*.

E o que futuramente resultará da programação de modelos será indubitavelmente tão forte, tão arrebatador, tão “informativo” (modelará nossas vidas com tamanha radicalidade), que o termo “arte” é pálido demais para captá-lo. Inveja nossos netos. (FLUSSER, 2006, p. 326).

A geração que hoje frequenta as escolas da educação básica, portanto, vivencia esse fenômeno em sua plenitude, provavelmente, são crianças que já estão familiarizadas com o contexto virtualizado, desde o nascimento, sem sustos ante as novidades, como ocorreu com as gerações de seus pais.

As interações articuladas na Rede Mundial de Computadores, a *internet*, vão desde postagens de imagens em sites de relacionamentos, site de conversas on-line, até salas de aula em ambientes de estudos de graduações e pós-graduações se configurando na complexa cultura escolar contemporânea.

As identidades do indivíduo contemporâneo estão referenciadas, dentre outras, no devir de um processo conhecido como “globalização”. Esse fenômeno tem desvelado as identidades culturais através de uma complexa e intrincada dinâmica, de escala global, atravessando fronteiras nacionais, conforme explica Hall (2006), integrando e conectando comunidades e organizações em novas e diferentes contiguidades, tornando o mundo mais interconectado. Um pouco menor, talvez...

Portanto, não por acaso as interações, geradas e manipuladas na Rede tornou-se ambiente propício para salas em que propiciam o saber numa

dimensão cultural no *ciberespaço*. Essas articulações podem vir a ser parte dinâmica e integrante da cultura, cujos saberes portam referências da história geral e local que dialogam entre si, no emaranhado das vivências contemporâneas.

As aprendizagens são graduais, também nesse meio digitalizado: modificam-se, aos poucos, os modos de perceber, gerenciar informações, sistematizar ideias, numa relação que vai sendo construída com o ambiente digital. Num futuro muito próximo, para o indivíduo formado dentro desse ambiente, os equipamentos relativos à informática serão acessórios indispensáveis ao dia-a-dia. Mais que isso, provavelmente, um mundo sem tais acessórios seja inimaginável.

O acesso à *internet* tem sido ampliado a um número sempre crescente de pessoas de todo o mundo. A conexão à Rede Mundial de Computadores passou a ser condição de inclusão, em especial nos mercados globalizados da economia. O Brasil é o país da América do Sul com maior índice de acesso à *internet*, pela população, e é o segundo das Américas, ficando à frente do Canadá e do México. Conforme pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), contou-se 32,1 milhões de usuários somente no Brasil em 2007.

A pesquisa verificou que a utilização da Internet estava mais concentrada nos grupos etários mais jovens. No grupo de 15 a 17 anos de idade, 33,9% das pessoas acessaram essa rede, sendo este resultado maior que os das demais faixas etárias. Esse percentual foi declinando com o aumento da faixa de idade, atingindo 7,3% no contingente de 50 anos ou de mais idade. A proporção de pessoas que acessaram a Internet no grupo etário de 10 a 14 anos (24,4%) ficou acima daqueles das idades a partir de 30 anos, tanto na parcela feminina como na masculina ([www.inclusaodigital.gov](http://www.inclusaodigital.gov), acesso em 25/03/08).

Seguindo essa tendência, e operando em microcomputadores instalados em suas casas, ou pagando pelos serviços em *Lan Houses*, inúmeras pessoas acessam cotidianamente a Rede Mundial de Computadores.

É notório ser esta uma época em que tais modos de conceber as relações, nas famílias, nas instituições sociais, nas escolas, nos guetos culturais em todas as regiões geográficas globais, tanto quanto no *ciberespaço* revelam que a tensão acontece quando tais conceitos são vivenciados em um mesmo contexto, entre pessoas do mesmo grupo. Estas vivências tendem, em sua maioria, resistir ao opositor e suprimi-lo, mais conhecida como conflitos entre geração analógica e geração digital.

A contribuição de Bauman (2008), nessa discussão, está na ideia das sociedades sólido-modernas e líquido-modernas, em que as primeiras suprimem as segundas em ações de “policiamento e cadeias de comandos, aplicados por uma totalidade desejosa de ser maior do que a soma de duas partes, e inclinada a treinar e exercitar a disciplina com suas unidades humanas” (BAUMAN, 2008, p. 99).

A sociedade líquido-moderna é caracterizada pela liberdade e disposição de viver, sem os estratagemas estruturais da sociedade sólido-moderna, se dispersando e retornando, de uma ocasião à outra, guiados por motivos diferentes, mutáveis e atraídos por alvos mutantes e móveis (BAUMAN, 2008).

As características sólidas, portanto, ‘são aquelas’ que produzem estabilidade cognitiva, certeza afetiva, política institucional, normalidade sexuada, realismo narrativos, re-epílogos tipológicos. A natureza líquida ‘recusa’ dualismos opositivos, as dialéticas sintéticas, os realismos estatísticos, os monologismos de perspectiva, as utopias dos signos, os eternos retornos (CANEVACCI, 2005 p 159).

Ao observar as ações dos estudantes, nos fluxos decorrentes de suas interações na plataforma, destaco a presença dos traços líquido e sólidos nas ações, relações e trânsitos tanto nos momentos presenciais quanto na plataforma à distância. Desde o primeiro contato com a plataforma, as conversas e respostas às questões das escolhas e apontamentos, bem como de posturas e atitudes em relação ao comportamento no *ciberespaço*.

A geração sólida moderna concebe uma atividade após a outra, enquanto a geração líquida moderna produz suas atividades enquanto assimilam uma série de outras ações ao mesmo tempo. Estes concebem suas atividades sem dificuldades tendo tempo para auxiliar os demais que detêm algumas restrições nas ações, que são realizadas paulatinamente.

A chamada “geração digital” compreende os indivíduos nascidos a partir da década de 1980, que estabeleceu logo uma comunicação de contiguidade com as novidades tecnológicas, como computador pessoal, videogames e a *internet*. Neste contexto alguns jovens se despontaram como responsáveis por criações e descobertas que influenciaram a história tecnológica mundial, como por exemplo, Bill Gates, que fundou a Microsoft aos 19 anos e Steve Jobs, fundador da Apple com 21 anos (FILHO, J. F. e LEMOS, J. F, 2007, p. 19).

A exemplo destes, vários jovens, cada vez mais precocemente, têm se destacado pela dinâmica em que criam, dentre tantas possibilidades, *sites* e recursos diversos para a contínua renovação da *web*, possibilitando interações que desencadeiam uma série de desdobramentos.

Sodré (2002) suspeita que esta seja a primeira geração na história onde os filhos sabem mais do que os pais, como por exemplo, nas decisões de consumo, e conforme suas fontes de pesquisa de marketing, esses jovens não se levam muito a sério nem se esforçam para fazer sentido.

Em meio aos sentidos, seus poucos esforços os levam a muitas construções. Continuamente surgem novos meios e possibilidades em métodos de aprendizagem que caracterizam a atual geração digital. É importante destacar que, neste momento, dentre as imagens sugeridas pela fragmentação do espelho contemporâneo, está o reflexo das sociedades, a divisão entre as gerações sólido e líquido modernas que tentam estabelecer um diálogo para sobreviverem, seja nos espaços naturais de seus contextos sociais, seja no *ciberespaço*.

Dentre o número de evasão, natural aos cursos universitários, houve uma porcentagem considerável de pessoas com características sólidas. Alguns deixaram suas justificativas no próprio ambiente de diálogos, os fóruns, dentre estes destaco uma senhora que ao se despedir da turma narrou sobre seu sonho de cursar uma licenciatura em arte, alcançado através da EaD, bem como de suas dificuldades em acessar o ambiente, no disputar o computador com seus filhos e netos, que várias vezes ao dia entravam em *sites* de relacionamentos, dentre outros espaços, impossibilitando seus estudos.

Um novo paradigma se constrói e nele estamos inseridos, discentes, docentes e todos os envolvidos nessa dinâmica contemporânea de estudos propiciados pelo ensino à distância. As dificuldades encontradas nessa trajetória estão sendo ao longo do processo assimiladas e analisadas e em específico nas superações provenientes das vivências e relacionamentos na plataforma de estudos.

Àqueles que resistiram às dificuldades e venceram as fases de adaptação gozam de um domínio em relação as ferramentas oferecidas nas atividades, das simples, até as mais complexas. Essa conquista tem seu mérito nas propostas de atividades e trabalhos em grupo, bem como de diálogos interdisciplinares em que a ajuda e auxílio

são comuns entre os estudantes, onde os diálogos acontecem e apreensões vão sendo construídas sem diferenciações e exclusões de gerações.

Nessa altura, da trajetória percorrida na Licenciatura em Artes Visuais da EaD, há que se destacar as conquistas, das gerações sólidas na agilidade e desenvoltura no manuseio das ferramentas e propostas no ambiente. Das gerações líquidas, dentre suas inúmeras atividades, o diálogo, a solicitude, a interação com os colegas e auxílio mútuo.

Sobretudo venho destacar que tais experiências e resultados do Ensino à Distância na modalidade de plataformas na Rede Mundial de Computadores apontam para uma geração que tem desafiado e superado expectativas e conquistado os objetivos não obstante as dificuldades.

Essas reflexões são de extrema relevância para dar suporte aos alunos bem como incentivo às futuras turmas que virão, de que as relações e vivências no Ensino a Distância não são solitárias, pelo contrário, ao manusear a máquina os indivíduos, com todas as suas ações e relações, expressam, dialogam e, sobretudo se relacionam numa fusão de gerações.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**. Mutações juvenis nos corpos das metrópolis. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

FILHO, J. F. e LEMOS, J. F.. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “geração digital” na mídia impressa brasileira. **Comunicação, mídia e consumo**. Disponível em<

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/comunicacaomidiaconsumo/article/viewFile/5293/4848>. São Paulo, PDF, 2008. Acesso em 11/11/08.

FLUSSER, V. **Sintetizar imagens**. In FABRIS, A. KERN, M. L. B. (Org.). Imagem e Conhecimento. São Paulo. Ed. USP, 2006 p.319 - 326.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PP&A, 2005.

<http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusão/noticia/IBGE-divulga-pesquisa-sobre-acesso-a-internet>. Acesso em: 11/08/08

IBGE, **Inclusão digital**. Disponível em<

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis. Vozes, 2002.

URBIETA, J. F. **O papel da tecnologia na educação**. In. CAPISANI D. (org.). Educação e arte no mundo digital. Campo Grande, MS: AEAD/UFMS, 2000 p. 205 a 211.